



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/issue/view/1944>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2020 by UnB. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Murilo Mendes, Deus, Mundo:
uma insatisfeita religiosidade poética

Murilo Mendes, God, World:
an unsatisfied poetic religiosity

Adriana Demite Stephani

Doutora em Literatura. Professora da
Universidade Federal do Tocantins, Brasil.
astephani@uft.edu.br

Robson Coelho Tinoco

Doutor em Literatura. Professor Titular da
Universidade de Brasília.
robson@unb.br

<https://orcid.org/0000-0001-6622-7097>

<https://orcid.org/0000-0001-6695-9183>

Recebido em: 17/04/2020

Aceito para publicação em: 06/11/2020

Resumo

Considerado como talvez o poeta mais complexo, o mais estranho, e seguramente o mais fecundo de sua geração modernista, Murilo Mendes se converte ao catolicismo em 1934. A partir de tal experiência religiosa, ele explora essa dimensão em sua obra, notadamente nos três livros aqui abordados. Neles revela um catolicismo que extrapola algo mais convencional, como um tipo mesmo de catolicismo às avessas. Poeta neoreligioso, nele devoção de fé e exercício literário se confundem em um misto sacro-pecaminoso de curvas femininas entre castiçais de igrejas, de hóstias consagradas e fome nas ruas, de alvas cruces santificadoras sob o horror rubro de guerras insanas, pessoais e coletivas guerras.

Palavras-chave: Murilo Mendes. Religiosidade. Poética.

Abstract

Considered as perhaps the most complex, the strangest, and certainly the most fruitful poet of his modernist generation, Murilo Mendes himself converted to catholicism in 1934. From such a religious experience, he explores this dimension in his work, notably in the three books covered here. In them it reveals a catholicism that extrapolates something more conventional, like a kind of "strange" catholicism. Neoreligious poet, in him devotion of faith and literary exercise are confused in a sacred and sinful mixture of feminine curves between church candlesticks, consecrated hosts and hunger in the streets, white sanctifying crosses under the red horror of insane wars, particular and collective wars.

Keywords: Murilo Mendes. Religiosity. Poetic.

*Diante do crucifixo
eu paro pálido tremendo:
“Já que és o Verdadeiro Filho de Deus,
desprega a humanidade desta cruz”.*

*Hóstias puras,
inutilmente vos ergueis sobre mim.*

Murilo Mendes

O escritor, mais que qualquer outro indivíduo, desempenha um papel social ao tempo em que depende do público e da leitura que este faz da obra publicada, entendendo-se que a criação, nas sociedades civilizadas, é *relação* (CANDIDO, 2019). Nesse sentido, diga-se candidoniano, o conceito embutido em tal vocábulo significa que existe relação entre uma obra artística e sua função social – função que, desordenadamente estabelecida, norteava as produções dos então *artistas modernistas* inseridos em um contexto sócio-histórico de profundas mudanças no campo da técnica, da comunicação, enfim, da geração e troca de informações, com a já “alta velocidade” com que essa troca se dava àquela época.

Ao se analisar literariamente o modernismo brasileiro – sobretudo o considerado, denominado de primeira fase ou de “vanguarda” –, são comuns reflexões que tendem a ficar restritas, por força mesmo de uma análise mais crítica, a algumas características como:

- preocupação em promover experimentações linguísticas, com a busca de uma fonética, semântica, sintaxe inovadoras;
- valorização de uma linguagem de expressão nacional, utilizando-se temas que representem elementos culturais, folclóricos, primitivos; e,
- composição de temas universais, voltados à industrialização crescente de algumas cidades, sobrepondo-se a uma expressão meramente subjetiva e individualista.

Mesmo sendo elementos basilares, pois constituíam o tripé de sustentação do estilo e conteúdo poéticos e da visão de Brasil e de mundo para os poetas modernistas, não havia uma concordância entre eles quanto à necessidade de escrever seus poemas seguindo o que seria um tipo de *cartilha modernista de composição* (TELES, 2012)¹. Na realidade, cada poeta, com mais ou menos representação na mensagem e na forma, assumiu como *licença poética* a manifestação daquelas características em seus textos.

Quanto a Murilo Mendes, entre suas características se encontra, e com destaque, sua fina capacidade de “conciliar contrários”, como bem notou Manuel Bandeira. A amizade com Ismael Nery e o contato com sua filosofia essencialista, aliados à adesão do poeta ao catolicismo, contribuíram para essa peculiaridade da poesia muriliana, já que nela tanto o essencialismo quanto a fé cristã são postos em contato estreito com impulsos de ordem materialista. (LEÃO, 2018)

O modernismo pretendeu significar uma verdadeira revolução artístico-cultural provocada pelo o que se considerou imperiosa necessidade de sintonia entre o artista e os tempos (SOUZA, 1994). Essa busca de “sintonia” está toda na base da poesia modernista de Mário de Andrade (respeitado crítico de arte, pianista, compositor, fotógrafo, teórico da literatura e um dos mentores intelectuais do Movimento de 1922) que, vista como um subproduto da modernidade, ficou (um pouco por opção pessoal e um pouco por imposição ideológica) atrelada àquelas três características anteriormente relacionadas – teoricamente universalistas na intenção e visão de mundo, mas condicionadoras de formas de estilo, na aplicação. (LIMA, 1995).

Quanto a Murilo Mendes, em nome de uma exigência temática e estrutural na composição de textos modernistas, é o próprio Mário quem avalia, e negativamente, a

¹ Quanto a essas “diferenças”, devem-se ler os manifestos e propostas de textos das várias revistas criadas à época, que bem deixam claro, às vezes nem tanto, os diferentes rumos assumidos pelos grupos que compunham a produção modernista brasileira.

presença do catolicismo² na poesia muriliana como manifestação de certa atitude complacente com o modo de perceber o momento sociocultural moderno (PICCHIO, 1994).

Assim,

o modernismo é nome preferencial para um de seus braços (da Modernidade): o que se inclina para aceitar o otimismo tecnológico e as conquistas da época comum como bases de reflexão do artista e apoio filosófico para orientar seus projetos de acordo com concepções da história e do futuro marcados pela confiança no progresso. (SOUZA, op. cit., p. 82)

Essa presença possibilitaria uma confusão de sentimentos que, por certo, na visão do autor de *Macunaíma*, afetaria a condição *sine qua non* da universalidade (o nacionalismo seria um dos componentes dessa “visão universal”) do movimento modernista que se propunha mostrar a nova fórmula da expressão poética para “um Brasil antropofagicamente para brasileiros”, no século XX, construindo-se a partir da questão urbano-industrial-tecnológica³. É importante, também, para melhor estabelecer esses conceitos, avaliar argumentos relacionados a considerações sobre o romance de “metaficção historiográfica” como fruto de um período modernista (HUTCHEON, 1991) e controle do imaginário. (LIMA, 1991)

No poema a seguir, notam-se algumas marcas da crítica marioandradina. Todavia, é importante perceber como o poeta, mesmo acertando no levantamento dessas “marcas”, erra em não perceber a extensão e intenção da mensagem por elas revelada:

FIM E PRINCÍPIO

Espírito pavoroso do século,
Não te dedicaria pianos
Nem harmonias de sirenes

² O catolicismo de Murilo, tomando análise de José Guilherme Merquior (“Notas para uma murilosopia”, in PICCHIO, op. cit.) como base, pode ser composto essencialmente por três conceitos: 1) sentido plástico da finitude da vida e nela, das coisas que a compõem; 2) uma ideia heroica, mais que monárquica, da divindade e 3) uma dupla concepção de poesia: – poesia como martírio, espécie de testemunho sofrido, registro do sofrimento coletivo; – poesia como agente messiânico, rótulo verbal da redenção.

³ Para maior aprofundamento desse conceito, em que se avalia a ideia de “romance metropolitano”, consultar *Revista tempo brasileiro – cidade e literatura*. no. 132. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, p. 6 e pp.

Se os demônios não quisessem.
Entretanto chora o mar,
Choram noivas, peixes, mães,
Desde o princípio do mundo;
Apitos de máquinas levarão
Desde o polo ao equador
Até o final dos tempos
Lamentações de novilhas,
De cegos, órfãos e plantas.

(O visionário)

Assim como Oswald de Andrade⁴ – que de certa maneira se considerava muito marinettiano –, Mário de Andrade – que não se considerava tão futurista, aliás, nem um pouco – foi um dos pontos de convergência e liderança da primeira fase do movimento nascido em São Paulo. Todavia, não obstante essa condição de líder, é importante observar que, em nome de sua visão de mundo, mais que de poeta modernista, tal liderança foi imposta a ele. Tanto foi uma “imposição” que Mário, em nome de seu estranho anarcovanguardismo⁵, não encontrou o ponto de equilíbrio entre a questão de como produzir uma poesia necessariamente nacionalista (com temas sempre voltados ao próprio país, sua cultura, seu folclore) e não uma poesia que representasse uma visão amplamente moderna como resultado da articulação / expressão desses três níveis de percepção de mundo:

percepção universalista
percepção nacionalista
percepção individualista.

Enfim, foi uma poesia de expressão universalista, sobretudo, que Mário de Andrade acabou produzindo, sendo sintomática nele a presença dessa questão nacionalismo X universalismo, irresolvida por si só, quando dentre outras passagens o poeta afirma que “Sou um tupi tangendo um alaúde”. Em exemplos como esse há mostras, por vezes bem

⁴ Avaliar a análise de Benjamin quanto à idéia da correspondência de imagens (imagens do desejo) na consciência coletiva em que o novo se interpenetra no antigo (BENJAMIN, 1994).

⁵ Expressão de José G. Merquior, (PICCHIO, op. cit., p. 11).

definidas, que sua “visão universalista” não necessariamente seria voltada somente para um futuro emergente – representado pela ascensão de uma vida dinâmica como resultado dos “novos” tempos –, mas, em um sentido mais amplo, uma visão de que o “presente atual” e mesmo o “passado” ofereceriam elementos positivos para uma construção / avaliação poética. Nesse sentido, os

[...] textos acompanham a tendência geral da literatura da época, predominando a natureza programática e reflexiva. A Antropofagia é demasiadamente teórica, consciente de sua mensagem estética e obcecada pela revelação da verdade suprema. (BOAVENTURA, 1985)

Não possuindo uma essência antropofágica e histriônica como a de Oswald, Mário, lá do alto de sua concepção de mundo e poesia, era daquelas pessoas, como o era também Murilo Mendes, com seu constante impulso religioso de estar no mundo⁶, que não precisavam do incêndio das bibliotecas e da destruição dos museus para que, em uma visão futurista–marinettiana, a velocidade dos aviões, a eletricidade, as chaminés das fábricas ocupassem seu espaço ideal: a própria noção de vida cotidiana das pessoas. Mário como que cumpria a missão de ser, cotidianamente, o “herói moderno”, na visão de Baudelaire; ao passo que Oswald representaria, por opção e condição, o “herói mítico, antigo” invencível e fabuloso. Nesse caso, “[...] o herói moderno não é herói – é o representante do herói. A modernidade heroica revela-se como tragédia em que o papel do herói está disponível. [...] O poeta surge como o substituto do herói da antiguidade” (BENJAMIN, s/d). A modernidade se marca por símbolos da velocidade (carros, trens etc.) e da industrialização em franca expansão, em que conceitos, por exemplo de Nietzsche e Freud são tomados pela “pressa da reconsideração futurista” das ideias, dos argumentos, das sensações, pressa sempre opositora à “languidamente ampla” percepção poético–religiosa muriliana, ao largo imagético simbolista muriliano.

⁶ “Sou terrivelmente do mundo”. “Só podemos ser cristãos ou cínicos”. “Só o futuro é moderníssimo.” São algumas das frases–versos que revelam a visão de mundo muriliana.

Nesse universo simbólico, aliás, Gilbert Durand (2012) relata que o ser humano, em sua trajetória sociocultural, é dotado de extrema capacidade de formar símbolos. Sua análise se organiza sob o método da convergência, como um reagrupamento das constelações reflexológicas em que a postura, a verticalidade, a simbologia, as narrativas místicas, a busca do interior para o exterior e do exterior para o interior se instalam numa transcendência antropológica do imaginário entre o “eu e o mundo”.

Imersos nesse universo simbólico, poetas como Jorge de Lima e Murilo Mendes apresentam uma mística poética mística revigoradamente habitada por signos e significados religiosos, históricos, cotidianos – elementos que estruturam suas obras num conjunto poético marcado pela experiência imaginativa, com destaque a pensamentos, ideias, visões valorizando o lado místico da vida. (NACIF; LIMA, 2017)

Com o desenvolvimento de uma poética centralizada entre o delírio e o sonho, todavia, sem perder o senso do real, elementos como a necessidade de liberdade e manifestação da libido juntam-se compondo poemas em que a descrição do ser amado, e das coisas amadas, mesclam-se com uma evocação da presença de Deus e da igreja para “acompanhar” esses desejos, fazendo de Murilo, no entender de Merquior (1974), um dos mais poderosos representantes do “anarcoerotismo surreal”. Os poemas a seguir revelam essas presenças:

EVOCAÇÃO

Aparece no céu uma mulher cometa
Olhai o rabo de prata que ela tem
Semeais crianças para vê-la
Preparai as músicas inocentes de outrora...

Ah, quem me dera ir na vertigem da mulher-cometa.
...Não és tu que soluças no corredor escuro
Porque abafaram tua alma, e a noite inteira rezas?
Tu mesma que vais consolar a nudez das estátuas,
Foste a musa do rio, cantas canções para os peixes
E usaste pela primeira vez na cidade um gramofone.

Que me importam os sinais da comunidade
Se posso enlaçar o busto da mulher-cometa?
Corro ao teu encontro na areia branca domar:
Eu sou teu anunciador desde os tempos remotos.
Se eu não te vir ninguém te verá – eu te aponto
Ao lavrador dos astros, à galera dos anjos,
Ó mulher-cometa, que não sabes que existes.
Distingo a sinfonia e o coro que sobe domar,
Vejo as Madalenas germinando em torno de mim,
Ó cabeleiras, mares do sul, olhos opacos,
Já embarquei. Larguem o pano! A aventura começa.
(Poesia em pânico, 1937)

MULHER VISTA DO ALTO DE UMA PIRÂMIDE

Eu vejo em ti as épocas que já viveste
E as épocas que ainda tens para viver.
Minha ternura é feita de todas as ternuras
Que descem sobre nós desde o começo de Adão.
Estás engrenada nas formas
Que se engrenam em outras desde a corrente dos séculos.
E outras formas estão ansiosas por despontarem em ti.
Quando eu te contemplo
Vejo tatuada no teu corpo
A história de todas as gerações.
Encerras em ti teus ascendentes até o primeiro par,
Encerras teu filho, tua neta e a neta de tua neta.
Mulher, tu és a convergência de dois mundos.
Quando te olho a extensão do tempo se desdobra ante mim.
(O visionário, 1941)

As estrofes murilianas, de certa maneira, estão presas à composição de um grafismo marcado pela aspereza dos sons e dos vocábulos. Raramente se encontra nelas uma preocupação com um tom suave ou ameno, buscando uma composição bem ritmada e harmoniosa da mensagem a ser apresentada. Pelo contrário, em Murilo, a opção é por um tipo de sinfonia dissonante em que as rupturas – compostas pelo ritmo quebrado, e pela absoluta despreocupação com as rimas –, formando uma *polifonia da desmusicalização*,

no fundo, buscam contato com o projeto surrealista de composição formal, em que as percepções, as sensações deveriam *fluir* livres para revelar o máximo de sentimento profundo e verdadeiro. Os poemas a seguir trazem a presença dessas marcas formais:

A MADRUGADA

1

Dorme o gigante dos ventos
Enquanto a lua trabalha.
Beija teus seios devagar.
Vem por aqui, meu amor,
Os cavalos voadores são amigos,
Nos levarão para o deserto branco.

2

Quem foi que colocou
Uma pedra no meu sonho
E os maiôs não puderam sair?
Minha mão direita virou árvore,
Vêm aves da estratosfera me visitar.

(...)

5

Estou esquecido das determinações do século.
Adeus máquina que móis minha tristeza:
Vou voltar para o seio da minha mulher pedra,
Ou então para mamãe água.

(O visionário, 1941)

CONTEMPLAÇÃO

A poesia está preparada
Para a pesca milagrosa e natural.

Consulto o mapa
Do que há debaixo de tuas pálpebras,
Passeamos nas alamedas do lustre.
Cada instante assume um século.

A bordo de orelha surgem
As estrelas contemporâneas do meu nascimento e do avião.

Na varanda do girassol
Observamos o choque da chuva nos olhos dos cegos.

Abriste as plumas do antebraço.
(Poesia liberdade, 1947)

POEMA ESPIRITUAL

Eu me sinto um fragmento de Deus

Como sou um resto de raiz
Um pouco de água dos mares
O braço desgarrado de uma constelação.

A matéria pensa por ordem de Deus,
Transforma-se e evolui por ordem de Deus.
A matéria variada e bela
É uma das formas visíveis do invisível.
Cristo, dos filhos do homem és o perfeito.

Na Igreja há pernas, seios, ventres e cabelos
Em toda parte, até nos altares.
Há grandes forças de matéria na terra no mar e no ar
Que se entrelaçam e se casam reproduzindo
Mil versões dos pensamentos divinos.

A matéria é forte e absoluta
Sem ela não há poesia.
(A poesia em pânico, 1937)

Foi seguindo essa linha de análise, centrada na óptica de uma busca incessante da *universalidade moderna* – do homem em contato direto com o mundo e tão bem-vinda aos olhos dos modernistas radicais –, que a poesia de Murilo foi considerada como tematicamente limitada por uma exacerbada tendência religiosa na expressão dos elementos poéticos e marcada pelo exagero da presença de subjetividade como expressão de um individualismo sempre muito surrealista. Essas características mantinham poucos

pontos de contato com a então denominada “poesia moderna”, que utilizava novas formas e conteúdos poéticos para expressar o choque de emoções, o caos de sentimentos, a busca de novos caminhos em uma sociedade em ritmo frenético de industrialização. Aliás, é o próprio poeta mineiro que, em tom silencioso de reclamação e isolamento, avalia

Como é difícil, na Modernidade, a língua do eterno.

Todavia, nem todos os idealizadores dos métodos e temas do que seria uma escola modernista, lançavam seus olhares modernos à Poesia como se ela fosse produto-objeto de si mesmos. Manuel Bandeira, pessoa de visão moderna muito mais que poeta de estilo modernista, teve, mesmo participando daquele movimento literário, uma percepção muito mais ampla do que a proposta pelos teóricos da nova *forma poética* assumida como contemporânea. O autor de “Os sapos” – um dos ícones da Semana Moderna de 1922 – faz uma análise, por estar menos atrelada a preconceitos estabelecidos como conjunto de normas, muito mais representativa da importância das idéias de Murilo Mendes e de sua visão de poesia para o Brasil (e, por que não, para o mundo?), quando considera que “Murilo Mendes é um conciliador de contrários”.

A poesia muriliana, pois, sobretudo a representada pelos três livros escolhidos como núcleo desse artigo (*O visionário*, *A poesia em pânico* e *Poesia liberdade*, escritos no período de 1930 a 1945), possibilita uma investigação, baseando-se na escolha dos temas para o desenvolvimento de uma análise centrada na opção do poeta de compor seu modernismo literário sob uma base religiosa, que vise demonstrar seu aspecto universalista – poesia de um *Ser humano*, mais que *Ser poético*, feita para outros seres humanos e para o mundo que os abriga. Com isso a poesia de Murilo, parecendo se afastar, aproxima-se do estrato mais profundo da “ideologia modernista” cujo componente fundamental seria o sentido de esclarecimento, por meio da mensagem escrita (e sua

relação com o mundo), de um leitor *transformando-se* em homem moderno, inserido em contexto sócio-histórico moderno.

Essa poesia fala, moderna e tristemente, da inevitável e lógica imposição da ideologia dos novos valores sociais (modernos), em que os últimos tendem mais ainda a ser os últimos, como reflexo dos anseios de poder de ser, de ter mais que os outros e, sobretudo, de dominar os outros e de se impor, o que foi para o próprio Jesus Cristo, a coisa mais insuportável (CASTILLO, 2010); em que a clara impotência dos trabalhadores não é mais um “mero pretexto dos dominantes, mas a consequência lógica da sociedade industrial, na qual o fardo antigo acabou por se transformar no esforço de a ele escapar”. (ADORNO; HORKHEIMER, 2002, p. 98)

Uma análise assim estabelecida pretende mostrar mais que a simples constatação de duas tendências – a religiosidade e o surrealismo – avaliadas como aspectos centrais na poética muriliana. Essa poética foge à imposição de ter de estar só tão cheia de nacionalismo em que, o escritor ao buscar essa representação, assume um papel didático frente à coletividade e sua vocação patriótico-sentimental, em que também se mostra como “reprodutor da realidade”, assim destacando a ausência de comunicação entre o escritor e a massa, num período em que os grupos literários quase sempre produziram literatura “como o teriam feito grupos de leigos inteligentes”. (CANDIDO, op. cit. p. 89)

Essa investigação busca uma análise que, avessa a uma do tipo meramente didático ou acadêmico, envereda-se por um caminho em que a Estética da Recepção, de Jaus (LIMA, 1979; ZILBERMAN, 1989), apresenta-se como o elemento constituinte do que ele chamava de “a terceira via”, ou o olhar/posição do leitor frente à obra lida e a relação estabelecida a partir da eficaz prática dialógica de uma “leitura produtiva” (TINOCO, 2014; 2010). Análise em que o poema é visto além de seu aspecto meramente formal – de mensagem composta com elementos de literariedade – e percebido como uma expressão linguística de conscientização social, amplia a possibilidade de apreensão das intenções

do poeta frente a sua produção. Essa atitude permite “entender” melhor uma poesia (modernista) que requer uma (re)leitura sem submeter-se tanto aos limites, nem sempre bem definidos, do que seria uma literatura moderna – limites inadmissíveis pelos autointitulados “anarcovanguardistas” e, paradoxalmente, impostos por eles próprios. Aliás, esse rígido estabelecimento de formas, temas e conteúdos foi causado, no mais, por exigências de teor burocrático entre didático-acadêmico que equiparam, sem uma análise mais cuidadosa, arte literária às chamadas artes de massa (fotonovelas, filmes de *cowboy* etc.). (LOPES, 1993)

A poesia produzida por Murilo Mendes – enquanto representação artística daqueles novos tempos modernos – ultrapassa os limites férreos de normas e formas condicionadoras de uma pretensa liberdade de estilo. É preciso, pois, lê-la criticamente para avaliar sua *assumida condição de universalidade* como fator de expressão literária representando um período moderno marcado por questionamentos pessoais e (re)ordenação conflituosa de classes sociais. É preciso percebê-la como um produto do *modernismo* em um *contexto artístico vanguardista* (última década do século XIX até décadas iniciais deste século – 1920, 1930) e sua interferência, com o estabelecimento de propostas e normas a serem seguidas, na construção poética e visão de mundo de um homem integrado ao seu tempo-espaço histórico (Murilo Mendes nasceu em 1901, em Juiz de Fora, Minas Gerais, e morreu em Lisboa, aos 74 anos), vivendo e atuando como escritor representante do movimento modernista brasileiro da chamada segunda fase.

Em Murilo, a questão do *moderno* toma feições de uma religiosidade em que o tom de angústia e de melancolia (sempre presentes na natureza humana como um de seus condicionadores existenciais) locupleta-se de um surrealismo otimista buscando na forma uma representação possível de modernidade – conjunto de fatos sócio-históricos – como um acontecimento que remeta o ser humano a sua possibilidade de ser eterno e não mero dado efêmero, conjugado à rapidez mercantilista e tecnológica que então se apresentava

como um novo tipo ritual totêmico-mítico a ser absorvido e seguido sem questionamentos ou posicionamentos contrários ao então determinado como o caminho rumo a um mundo moderno. Nos poemas a seguir, exemplos dessa religiosidade (moderna) construída sob uma base surrealista:

O RESGATE

Vós que pensais atacar as igrejas,
Vinde a mim, incendiai-me.
Eu sou uma igreja em ruínas que vai submergir
- Não há água do batismo e da Graça. -
Apontai para meu corpo, altar do sacrifício,
Para minha cabeça que guarda todas as imagens,
Para meu coração ansioso de se consumir em outros.
Ó filhos transviados do mesmo Pai celeste,
Aqui estou eu... perdô a todos e não me perdô.
Queimai-me.

(Poesia em Pânico)

GÊNESE PESSOAL

1

Então eu nasci na onda aérea,
Na idade mais recente do ar,
Me desliguei das camadas de ar,
Caí na escrivanhinha do meu tio.

Uma serpente de pano levantou-se,
Apertei uma mola no seu ventre,
Saiu uma cantiga assim:

“Aprenda a engatinhar,
Meu menino. Qual o quê,
Aprenda a andar muito bem.
Que a tua tia te dará
Aquela maçã tão bonita.
Se aprenderes a andar

Saberás o que se passa
Aqui neste mundo de Deus.”

A cantiga me embalou.
Acordei depois
Nos braços do meu anjo da guarda
Que esteve preso por muitos anos,
Foi solto por uma rainha chamada Isabel.

Só mais tarde
Ouvi meu tio gritar no corredor:
Abram a luz.

2

(...)
A pomba rola voou.
Meu tio pegou na espingarda do Paraguai
Que nunca negava fogo.

Azulei para a casa do vizinho,
Lili me levando pela mão,
Com os olhos fora das órbitas,
Vestida com a própria pele.

(O Visionário, 1941)

O CRISTO DA PEDRA FRIA

O Cristo da pedra fria
Sentou-se agora aqui em frente
Com a chaga do ombro aberta.

O mundo do demônio cai no chão.
O Cristo de manhã
Sentou-se na pedra fria.
O frio que sinto pela queixa dos mortos,

O frio da fome dos outros,
O frio do extremo desconsolo
- Do desconsolo do Cristo em mim, em vós, em todos,
Na pedra fria, nossa alma
Que omite, que espanca.

(Poesia liberdade, 1947)

O ponto principal a se considerar é que uma análise literária centrada em uma visão meramente moderno-nacionalista (aquela em que a valorização do futuro, e de uma cultura primitiva eram os elementos centrais representados) não se apresentaria tão ampla e crítica quanto se propõe, por não levar em conta a manifestação de elementos que estruturariam uma “visão sócio-artística” – a poesia de Murilo Mendes busca esta ampliação de sentidos – de uma época caracterizada, sobretudo, mas não só, pelo avanço tecnológico nos grandes centros urbanos mundiais. Ela está toda entranhada da presença da multidão, da massa, elementos tão intrínsecos na poesia de Baudelaire⁷, um dos primeiros, senão o primeiro poeta, a “detectar” o acontecimento da modernidade entre as cidades, entre as pessoas e entre seus sonhos, desejos, medos, angústias.

A questão do sempre-estar-indo-embora, repleto da condição baudelariana de “ser um solitário mas no meio da multidão” – perdido entre os transeuntes, perdido entre seus olhares desatentos buscando o nada – confere à poesia de Murilo Mendes a dialética da modernidade de *ser o que se é e não desejar ser isso* – aqui a releitura moderna do conflito hamletiano: não mais “ser ou não ser”, mas “ser E não ser”. Ainda, reflete e critica uma cultura em que “a pureza, mais do que a justiça, transformou-se no meio principal da salvação” (CASTILLO, op. cit., p. 192). Essa poesia, assim, aprofunda-se pelo (no) sonho e se revela pelo (no) dado real do mundo que sempre se faz presente como o grande *leit motiv* a ser desenvolvido, desvendado. O “Sou terrivelmente do mundo” de Murilo revela uma crença no ser, e em sua regeneração, à medida que propõe uma vida fundada no poético da busca desejada – aqui a utopia do poeta se manifesta íntegra: pelo martírio assumido, a salvação possível. Assim ela se faz presente no poeta apresentando o mundo e a si mesmo às pessoas como em “Elegia Nova”, “Murilograma a N.S.J.C.”, e “Pós-poema”:

⁷ “A massa é a tal ponto intrínseca em Baudelaire que em sua obra, inutilmente, se procura uma descrição dela”. (vide W. Benjamim, op. cit., p. 48)

ELEGIA NOVA

O horizonte volta a galope
Curvado sob o martelo.

É noite: e dói.

Esta cidade irregular desfeita,
Roseiras de peles de homens,
Torres de suplícios,
Campos semeados de metralhadoras
O rendimento dos abismos

O mar perde suas folhas.
A cruz gerou um universo de cruzes,
O sol deixou de rir,
As árvores tomaram luto verde.

Sento-me sozinho com pavor do tempo,
Procurando decifrar
A maquinária imóvel das montanhas.

Não há ninguém, e há todos.

E estes mortos do Brasil, da China, da Inglaterra
Estendidos no meu coração
(Tambores da eternidade,
Substância da esperança,
Ó vida rasgada

Entre dois goles de delírios.)

Morte, apetite de ressurreição, grande insônia.

MURILOGRAMA A N.S.J.C.

A

Peixe triangular. Pedra angular.

.

Pastor da eternidade. Herói do tempo.

.

Sol cooperativo. Oculto em catacumba.

•

Único ator de mil mãos. Teatro aberto.

•

Eqüipolente a Deus. Filho do homem.

B

Cordeiro de Deus icástico
panifica
vinifica
pacifica
vivifica o mundo ex-mundo.

C

Santíssimo cordeiro
Alfa e ômega do verbo

Suspendido na tua cruz
Alta máquina polêmica –

Dá-nos até o fim do fim
O pão subversivo da paz.

D

Qui tollis:

Roma, 1965

PÓS -POEMA

O anteontem – não do tempo mas de mim –
Sorri sem jeito
E fica nos arredores do que vai acontecer
Como menino que pela primeira vez põe calça comprida.

Não se trata de ilusão, queixa ou lamento,
Trata-se de substituir o lado pelo centro.

O que é da pedra também pode ser do ar.
O que é da caveira pertence ao corpo:
Não se trata de ser ou não ser,
Trata-se de ser e não ser.

Enfim, murilianamente, trata-se disso: ser e não ser, mas sempre solidariamente em atitude de disposição de minorar o sofrimento do outro. Assim, se trata de entender essa “insatisfeita espiritualidade muriliana” – poetizada mas concretamente ativa – como ferramenta de um processo poético-existencial de epifania pessoal diária que entende essa espiritualidade, reaplicando argumento de José M. Castillo (2012), não como fruto nem da religião como dogma moral, nem de uma assumida postura ascética como maneira de exagerados sacrifícios pessoais, nem de uma virtude dada como meta de santificação a ser alcançada, tão pouco como uma perfeição humana, de toda plenamente inatingível nesta vida, neste planeta. É então assim que, do alto de uma poesia em estado pleno de pânico sacramental, o poeta salta em direção ao espírito de um Deus acolhedor, no entanto, parece... sempre surdamente distante:

A DESTRUIÇÃO

Morrerei abominando o mal que cometi
E sem ânimo para fazer o bem.
Amo tanto o culpado como o inocente.
Ó Madalena, tu que dominaste a força da carne,
Estás mais perto de nós do que a Virgem Maria,
Isenta, desde a eternidade, da culpa original.
Meus irmãos, somos mais unidos pelo pecado do que pela Graça:
Pertencemos à numerosa comunidade do desespero
Que existirá até a consumação do mundo.

OS TRÊS CÍRCULOS

Não encontro minha paz na Igreja.
Tu, monge, não podes me dizer o que o Cristo me dirá:
Recolheste d’Ele a menor parte.
E o Seu corpo e o Seu sangue

Não fazem circular a vida no meu corpo e no meu sangue.
Tu, mulher, criatura limitada como eu,
Recebes a melhor parte do meu culto.
Eu te amo pela tua elegância, pela tua mentira, pela tua vida teatral.
E nem ao menos posso repousar a cabeça na pedra do teu corpo.
Só tu, demônio, nunca me faltas nem um instante.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento** – fragmentos filosóficos. 2. ed. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Biblioteca Tempo brasileiro – 41. Trad. Heindrun Krieger M. Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, s/d.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**. 3. ed. Trad. José Carlos M. Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: brasiliense, 1994.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. **A vanguarda antropofágica** – Ensaio 114. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2019.

CASTILLO, José Maria. **Espiritualidade para insatisfeitos**. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012.

CASTILLO, José Maria. **A ética de Cristo**. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2010.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, Luiz Costa. Estética do prefácio interessantíssimo. *In* **Lira e antilira**: Mário, Drummond, Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

LIMA, Luiz Costa. Antropofagia e controle do imaginário e Oswald, poeta. *In* **Pensando nos trópicos** (dispersa demanda II). Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LIMA, Luiz Costa. (sel.) **A literatura e o leitor** – textos de estética da recepção. Trad. Luiz C. Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LOPES, Edward. **A palavra e os dias** – ensaios sobre a teoria e a prática da literatura. São Paulo: EdUNESP; Campinas, SP: EdUNICAMP, 1993.

MENDES, Murilo. **Poesia liberdade**. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

MENDES, Murilo. **O visionário**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

MENDES, Murilo. **A poesia em pânico**. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural Guanabara, 1937.

MERQUIOR, José Guilherme. **Formalismo & tradição moderna**. Rio de Janeiro: Forense, 1974.

PICCHIO, Luciana Stegagno (org.). **Murilo Mendes – poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

LEÃO, Gustavo Henrique de Souza. **Entre o etéreo e a matéria: a dialética do visionário na obra poética de Murilo Mendes**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2018.

NACIF, Késia Brasil Pereira; LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. **A poesia religiosa de Jorge de Lima e de Murilo Mendes – imaginário mitopoético**. Artigo, XV Congresso Internacional da ABRALIC, UERJ, 2017.

SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade – desacertos de um consenso**. Campinas, SP: EdUNICAMP, 1994.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

TINOCO, Robson Coelho. **Práticas de leitura produtiva – textos e contextos**. Brasília. EdUnB, 2014.

TINOCO, Robson Coelho. **Leitor real e teoria da recepção – travessias contemporâneas**. Vinhedo, SP: EdUnB; Horizonte, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.